

O Opala avançou velozmente em direção ao Quilômetro 165, na Rodovia Presidente Dutra, perto da cidade fluminense de Resende.

O homem a que todos conheciam por Juscelino Kubitschek assobiava baixinho a sua canção favorita, na companhia do único motorista que lhe foi confiado àquela noite, quando um brilhante risco de luz prateado rapidamente margeou a estrada e estacou a oeste do túnel cavernoso e escuro, onde o automóvel deveria penetrar até chegar a uma apertada passagem que ficava incrustada no subterrâneo. Ele deixou escapar um suspiro denso e de reprovação, a que também se misturou um tímido arrepio.

Algumas manhãs atrás – no limiar da residência encarapitada na porção sul da cidade de Brasília –, Juscelino havia se reunido secretamente com o escultor *José Alves Pedroza*, para entregar-lhe o rabisco feito em um pedaço de papel amarelado: uma alegoria em forma de *tridente*, contendo retângulos unidos e algumas letras. E saiu para finalizar a última parte do meticuloso plano arquitetado pelos *protetores*... Saiu para nunca mais voltar.

Antes de chegar à entrada do imenso buraco, alguma coisa misteriosa aconteceu.

Durou apenas cerca de seis segundos, mas foi rápido e apavorante o suficiente para se enxergar *aquilo* que terrivelmente arrebatou o motorista do seu banco e arremessou o corpo inerte para fora do veículo, que desgovernou e, com um impulso descomunal, perdeu o eixo e capotou violentamente até se chocar contra uma imponente parede de pedra que ladeava o túnel. Depois de um curto tempo, o brilhante fio de luz prateado desapareceu nas sombras e uma imensa carreta deu sinal na direção contrária da pista.

Distante do local do acidente, um curioso José Alves Pedroza se afastou para abrir um pequeno sulco no conhecido monumento, localizado na Praça dos Três Poderes, sem saber que registrava o último marco do mais espantoso segredo histórico do Brasil.

